

FATORES DEMOGRÁFICOS E SOCIOECONÔMICOS ASSOCIADOS AO CONSUMO DE CRACK

DEMOGRAPHIC AND SOCIOECONOMIC FACTORS ASSOCIATED WITH CRACK CONSUMPTION

Michele Mandagará de Oliveira¹, Valéria Cristina Chistello Coimbra¹, Diorlene Oliveira da Silva², Roberta Zaffalon Ferreira³, Poliana Farias Alves³, Karine Langmantel Silveira⁴, Suélen Cardoso Leita³

RESUMO

Este estudo teve como objetivo verificar a associação entre os fatores socioeconômicos e demográficos com o consumo de crack. Trata-se de uma pesquisa de corte transversal, com amostra de 505 usuários, destes 136 usuários de crack. Utilizou-se os Testes Qui-quadrado, de Pearson e de Tendência linear para verificar diferenças proporcionais e como medida de associação foi utilizada a razão de prevalência. A prevalência de uso de crack entre os usuários de drogas foi de 26,9%, e maior no sexo feminino. Observou-se uma associação positiva entre o uso de crack e as seguintes variáveis: idade entre 25 e 29 anos 10,6 (4,32-25-78), ser autônomo 2,6 (1,91-3,43), morar na casa de amigos 2,6 (1,94-3,43) e divorciado ou separado 2,0 (1,19 - 3,53). Com isso, é essencial conhecer as diferentes variáveis sociais, educacionais, econômicas e demográficas que estiveram associadas e, particularmente, investir em estratégias de prevenção ao uso abusivo de crack.

Descritores: Cocaína Crack; Vulnerabilidade Social; Prevalência.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the association between socioeconomic and demographic factors with crack consumption. This is a cross-sectional research with a sample of 505 drug users, 136 of these were crack users. Tests as Chi-square, Pearson and Linear Trend were used to verify proportional differences and as measure of association was used the prevalence ratio. The prevalence of crack use among drug users was 26.9% and bigger in females. There was a positive association between the use of crack and the following variables: age between 25 and 29 years 10.6 (4.32-25-78), autonomous worker 2.6 (1.91 - 3.43), live in friends' house 2.6 (1.94-3.43) and in divorced or separated 2.0 (1.19 - 3.53). Thus, it is essential to know the different social, educational, economic and demographic variables that were associated, and particularly invest in prevention strategies to avoid the abuse of crack

Descriptors: Crack Cocaine; Social Vulnerability; Prevalence.

¹ Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil.

² Doutoranda do Programa de Saúde Pública e Meio Ambiente (ENSP-FIOCRUZ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

³ Doutoranda em Enfermagem na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil.

⁴ Mestranda em Enfermagem na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil.

Introdução

Atualmente, o uso abusivo de substâncias psicoativas é um problema social e de saúde pública. Esta temática tornou-se alvo de debates e questionamentos em segmentos da sociedade, como, da saúde coletiva, da educação e das políticas de saúde.

Dentre os usuários de drogas, os usuários de crack constituem um grupo distinto, pois possuem características e necessidades específicas. Apesar do uso de drogas atingir homens e mulheres de distintos grupos raciais, sociais, etários e com diferentes níveis de escolaridade, sabe-se que alguns fatores socioeconômicos e demográficos podem influenciar no consumo¹.

Os dados referentes ao consumo do crack no Brasil destacam um aumento nos últimos anos. Segundo o Relatório Brasileiro sobre Drogas em 2001, foi estimado que 0,4% da população já haviam feito o uso na vida da droga, no ano 2005 este valor aumentou para 0,7%². Já em 2011, por meio da Segunda Pesquisa Brasileira de Álcool e Drogas (II BNADS), realizada pelo Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo em conjunto com a University of Texas School of Public Health, identificou a prevalência do consumo do crack pelo menos uma vez na vida de 1,5%³.

Durante os anos de 2012 e 2013 foi realizado um inquérito de base populacional acerca do perfil de usuários de crack e similares no Brasil. Este estudo apontou que cerca de 370 mil brasileiros usaram regularmente crack e similares por pelo menos seis meses em 2012, correspondendo a 0,8% da população das capitais do país. Também destacou que as capitais das Regiões Nordeste e Sul foram as que apresentaram o maior quantitativo de usuários da substância (crack) quando considerado o uso regular da droga⁴.

A população masculina vem apresentando uma maior prevalência entre os que utilizaram crack, com faixa etária no início da idade adulta, solteiros, com baixo grau de instrução e em condição autônoma de ocupação trabalhista^{2,4,5}.

O consumo de crack hoje é uma realidade disseminada em vários países. No Brasil, o consumo da droga já foi notificado em 98% dos seus municípios, atingindo tanto as cidades de grande porte, como os municípios menores, indicando que o país está entre os maiores consumidores de cocaína no mundo, tanto na sua forma inalada como na forma de crack³.

Assim, o presente estudo teve por objetivo verificar a associação entre os fatores socioeconômicos e demográficos com o consumo de crack, em usuários dos serviços da Estratégia Redução de Danos (RD) e do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD) de um município de médio porte no Sul do Brasil.

Metodologia

Trata-se de um estudo epidemiológico de corte transversal, exploratório, realizado durante o período de outubro de 2011 a outubro de 2012 na cidade de Pelotas. O município encontra-se na região Sul do Rio Grande do Sul, com população estimada de 343.651 habitantes, com base econômica no agronegócio e no comércio com índice de pobreza estimado pelo IBGE de 28,64%⁶.

Optou-se por uma amostra estratificada em dois níveis: no nível da RD e no nível do CAPS AD, com alocação proporcional ao número de usuários nos respectivos serviços. A inclusão destes dois serviços se caracterizou pela tentativa de abarcar o maior número de usuários de drogas no município, visto que os dois serviços trabalham separadamente, contudo, neste estudo não será realizada análise comparativa entre os usuários destes serviços.

Adotou-se a prevalência de usuários de crack como desconhecida ($p=0,50$), admitiu-se um erro amostral de 4% ($d=0,04$), sob o nível de confiança de 95% ($\alpha=0,05$). No denominador, foi utilizado o total de indivíduos cadastrados na RD ($N=5.700$) somados aos usuários no CAPS AD ($N=200$). A amostra total foi alocada proporcionalmente aos respectivos estratos ($n=545$). A sistemática de seleção adotada foi o sorteio aleatório dos usuários do CAPS AD e da RD. Em decorrência dos problemas operacionais de acesso e perdas por não localização dos usuários e recusas, ampliou-se o tamanho da amostra, obteve-se uma amostra final de 681 usuários sendo 505 entrevistas válidas e 176 recusas. Do total de entrevistas válidas, 436 usuários eram da RD e 69 do CAPS AD.

Os dados foram coletados mediante entrevistas utilizando-se questionário estruturado, por meio de uma equipe formada por agentes redutores de danos do município e estudantes, além dos coordenadores de campo. Os agentes redutores de danos foram convidados para participar da coleta, visto que estes apresentam maior conhecimento do campo e maior facilidade de acesso aos usuários. Os demais membros da equipe foram selecionados por meio de

entrevista pelos coordenadores da pesquisa. Os coletares passaram por treinamento realizado pelos coordenadores e pelos agentes redutores de danos onde aprenderam estratégias de abordagem aos usuários e técnicas de coleta.

Também foi aplicado teste piloto com 14 usuários de drogas indicados pela RD, visando testar o instrumento, operacionalizar a coleta de dados no campo e avaliação das práticas dos entrevistadores.

O acesso aos entrevistados se deu por meio da apresentação da equipe de pesquisa aos usuários, pelos agentes redutores de danos. Após o retorno do campo, os questionários foram codificados pelo entrevistador e revisados pelos coordenadores de campo. O controle de qualidade dos dados foi realizado em três etapas distintas: supervisão de campo, supervisão da codificação dos dados e replicação de 5% dos questionários válidos por meio de contato telefônico, explicando a necessidade da confirmação dos dados coletados.

A variável dependente foi definida a partir da classificação do usuário de drogas segundo o seu padrão de consumo: usuários de drogas que usam crack e outras drogas (1) e usuários de drogas que não usam crack (0). As variáveis independentes selecionadas foram: sexo, grupo etário (em anos), cor da pele, situação conjugal, escolaridade, rendimento familiar, situação ocupacional, condições de moradia e número de filhos.

Os dados foram digitados utilizando o gerenciador de banco de dados *Microsoft Access* v.2003 e após a digitação, foram exportados para o software estatístico *STATA* v.12 para geração dos resultados e gráficos. Os resultados foram apresentados mediante uso de distribuições de frequências uni e bivariadas e medidas descritivas (médias e desvio padrão). As diferenças entre as proporções foram verificadas através dos Testes Qui-quadrado de Pearson e o Qui-quadrado de Tendência linear. Foi utilizada a prevalência como medida de ocorrência e como medida de associação a Razão de Prevalência (RP) e respectivos intervalos de confiança a 95%, estimados através da regressão de Poisson robusta ao nível de 5% de significância estatística.

Este estudo é parte integrativa da pesquisa intitulada “Perfil dos Usuários de Crack e Padrões de Uso” que foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e desenvolvido por pesquisadores da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

A pesquisa obedeceu aos princípios éticos da Resolução COFEN n° 311/2007 e resoluções 196/96 e a 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética de n° 301/2011.

Resultados

Fizeram parte do estudo 505 usuários de substâncias psicoativas, residentes no município e cadastrados na RD (86,3%) e CAPS AD (13,7%). Obteve-se uma prevalência de 26,9% de usuários de crack entre os usuários de drogas entrevistados. A prevalência do sexo feminino foi maior entre os usuários de crack (28,1%) comparado ao masculino (26,7%), embora a proporção de mulheres na amostra tenha sido apenas 16,2%.

O perfil demográfico predominante correspondeu ao sexo masculino (83,8%); cor da pele autorreferida branca e outras (58,6%), mais da metade dos entrevistados eram solteiros (53,3%). A média de idade de $38 \pm 13,1$ anos, mínima 18 e máxima 76 anos; 70,4% dos entrevistados possuíam idade igual ou superior a 30 anos. O socioeconômico revelou indivíduos com baixos níveis de escolaridade, 77,8% possuíam apenas o ensino fundamental completo ou incompleto enquanto que, 2,8% haviam pelo menos ingressado no nível superior. No que tange ao rendimento familiar, 28,5% não possuíam renda, ou a renda era inferior a 1 salário mínimo (sm); 39,4% percebiam entre 1 até 2 sm e 32,1% superior a 2 sm. Quanto à situação ocupacional, 29,1% estavam desempregados; 23,4% possuíam vínculo formal de emprego e 23,2% informal/eventual e 24,4% eram autônomos; 75,1% possuíam moradia própria ou alugada. Quanto à presença de filhos, 74,4% afirmaram ter filhos e o número médio de filhos foi de $2 \pm 1,9$ (Tabelas 1 e 2).

Os usuários de outras drogas, exceto o crack, foi o grupo predominante 369 (73,1%) e apresentou distribuição proporcional semelhante ao da população geral quanto às características demográficas e socioeconômicas (Tabelas 1 e 2).

Já entre os grupos, as diferenças proporcionais estatisticamente significantes revelaram que, entre os usuários de outras drogas, há um predomínio da situação conjugal casado/com companheiro, e entre usuários de crack, os solteiros foram mais frequentes ($p=0,000$). Em relação ao tipo de moradia, os usuários de crack mais frequentemente moram na casa de seus pais, amigos ou nas ruas enquanto que, os usuários de outras drogas, mais frequentemente, moram em casa ou apartamento (apto) próprio ou alugado ($p=0,000$). Este último grupo apresentou tendências para um maior

número de filhos quando comparados aos usuários de crack ($p=0,01$). Entre os usuários de outras drogas, a média de idade foi de $41,2 \pm 13,1$ anos e são relativamente mais velhos quando comparados aos usuários de crack ($32 \pm 9,4$ anos) (Tabelas 1 e 2).

Tabela 1 - Características demográficas dos usuários de crack e de outras drogas. Pelotas-RS, Brasil, 2012. (n=505).

Característica	Total (n=505) n (%)	Usuário		p-valor
		Crack (n=136) n (%)	Outras drogas (n=369) n (%)	
Sexo				
Feminino	82 (16,2)	23 (16,9)	59 (15,0)	0,803 ^b
Masculino	423 (83,8)	113 (83,1)	310 (84,0)	
Grupo Etário (em anos)				
< 20	18 (3,6)	6 (4,4)	12 (3,2)	0,08 ^c
20 a 24	65 (12,9)	25 (18,4)	40 (10,8)	
25 a 29	66 (13,1)	31 (22,8)	35 (9,5)	
30 a 39	133 (26,3)	53 (38,9)	80 (21,7)	
40 a 49	110 (21,8)	16 (11,8)	94 (25,5)	
50 e mais	113 (22,3)	5 (3,7)	108 (29,3)	
Cor				
Branca e outras	296 (58,6)	75 (55,1)	221 (59,9)	0,335 ^b
Parda/mestiça	98 (19,4)	25 (18,4)	73 (19,8)	
Preta	111 (22,0)	36 (26,5)	75 (20,3)	
Situação conjugal				
Casado/com companheiro	165 (32,7)	27 (19,8)	138 (37,4)	0,000 ^b
Solteiro	269 (53,3)	96 (70,6)	173 (46,9)	
Divorciado/Separado	71 (14,0)	13 (9,6)	58 (15,7)	
Número de filhos (n=502)				
Sem filhos	129 (25,7)	41 (30,6)	88 (23,9)	0,01 ^c
1	113 (22,5)	40 (29,8)	73 (19,8)	
2 a 3	174 (34,7)	31 (23,1)	143 (38,9)	
4 e mais	86 (17,1)	22 (16,4)	64 (17,4)	

Fonte: Pesquisa "Perfil dos Usuários de Crack e Padrões de Uso - Pelotas, 2014".

Notas: Média de idade = $38,8 \pm 13,1$ anos; ^aSalário mínimo R\$ 622,00; ^bTeste Qui-quadrado de Pearson; ^cTeste Qui-quadrado de Tendência Linear.

Tabela 2 - Características socioeconômicas dos usuários de crack e de outras.
Pelotas- RS, Brasil, 2012. (n=505).

Característica	Total (n=505) n (%)	Usuário		p-valor
		Crack (n=136) n (%)	Outras drogas (n=369) n (%)	
Escolaridade				
Sem escolaridade	10 (2,0)	1 (0,7)	9 (2,4)	0,73 ^c
Fundamental comp/ incomp	393 (77,8)	110 (80,9)	283 (76,7)	
Médio e técnico comp/incomp	88 (17,4)	21 (15,4)	67 (18,2)	
Superior comp/ incomp	14 (2,8)	4 (2,9)	10 (2,7)	
Situação ocupacional				
Trabalho Formal	118 (23,4)	21 (15,4)	97 (26,3)	0,057 ^b
Trabalho Informal/ Eventual	117 (23,2)	38 (27,9)	79 (21,4)	
Autônomo	123 (24,4)	33 (24,3)	90 (24,4)	
Desempregado	147 (29,1)	44 (29,9)	103 (27,9)	
Renda familiar^a				
Sem renda/< 1 sm	144 (28,5)	43 (31,6)	101 (27,4)	0,54 ^c
1 a 2 sm	199 (39,4)	49 (36,0)	150 (46,6)	
Superior a 2 sm e mais	162 (32,1)	44 (32,4)	118 (32,0)	
Tipo de moradia (n=502)				
Casa/apto próprio ou alugado	377 (75,1)	80 (59,3)	297 (80,9)	0,000^b
Casa dos pais ou de outros familiares	91 (18,1)	35 (25,9)	56 (15,3)	
Casa de amigos	10 (2,0)	6 (4,4)	4 (1,1)	
Outros	24 (4,8)	14 (10,4)	10 (2,7)	

Fonte: Pesquisa "Perfil dos Usuários de Crack e Padrões de Uso - Pelotas, 2014".

Notas: Média de idade = 38,8 ± 13,1 anos; ^aSalário mínimo R\$ 622,00; ^bTeste Qui-quadrado de Pearson; ^cTeste Qui-quadrado de Tendência Linear.

Na Tabela 3, apresentam-se as prevalências e a magnitude das associações de uso de crack segundo fatores demográficos e socioeconômicos. Com relação à distribuição etária, verifica-se aumento da prevalência entre os mais jovens e com o envelhecimento redução; maior prevalência de consumo de crack entre os indivíduos de cor preta e os solteiros. Entre os usuários de drogas, o consumo de crack transcende a escolaridade, a distribuição se mostrou equitativa, assim como o rendimento familiar. A situação ocupacional revela maior prevalência entre aqueles com vínculo não formal e sem vínculos. As condições de moradia mais prevalente foram à casa dos pais, amigos e outros (abrigos e rua). Indivíduos sem filhos e com um filho foram mais prevalentes entre os usuários de crack.

Tabela 3 - Prevalência e Razão de Prevalência (RP) da associação entre os Fatores demográficos e socioeconômicos associados ao uso de crack. Pelotas- RS, Brasil, 2012. (n=505).

Fatores	Prevalência usuários de Crack n (%)	RP^a	(IC 95%)
Sexo			
Feminino ^b	23 (28,1)		1,0 ^b
Masculino	113 (26,7)	1,2	(0,79 - 1,72)
Grupo Etário (em anos)			
< 20	6 (33,3)	7,5	(2,59 - 21,67)
20 a 24	25 (38,5)	8,7	(3,48 - 21,56)
25 a 29	31 (47,0)	10,6	(4,32 - 25,78)
30 a 39	53 (39,8)	8,9	(3,69 - 21,46)
40 a 49	16 (14,6)	3,3	(1,24 - 8,70)
50 e mais ^b	5 (4,4)		1,0 ^b
Cor			
Branca e outras ^b	75 (25,3)		1,0 ^b
Parda/mestiça	25 (25,5)	1,0	(0,68 - 1,40)
Negra	36 (32,4)	1,1	(0,80 - 1,49)
Situação conjugal			
Casado/Unido ^b	27 (16,4)		1,0 ^b
Solteiro	96 (35,7)	1,6	(1,14 - 2,36)
Divorciado/Separado e outros	13 (18,3)	2,0	(1,19 - 3,53)
Nível de Escolaridade^c			
Baixo	111 (27,5)	1,5	(0,49 - 3,49)
Médio	21 (23,9)	1,0	(0,39 - 2,39)
Alto ^b	4 (28,6)		1,0 ^b
Renda familiar			
Sem renda/< 1 sm	43 (29,9)	1,2	(0,89 - 1,74)
1 a 2 sm	49 (24,6)	1,0	(0,73 - 1,41)
Superior a 2 sm e mais ^b	44 (27,2)		1,0 ^b
Situação ocupacional			
Trabalho Formal ^b	21 (17,8)		1,0 ^b
Trabalho Informal/Eventual	38 (32,5)	1,4	(1,01 - 1,92)
Autônomo	33 (26,8)	2,6	(1,91 - 3,43)
Desempregado	44 (29,9)	2,4	(1,78 - 3,15)

Continua...

Fatores	Prevalência usuários de Crack n (%)	RP ^a	(IC 95%)
Tipo de moradia (n=502)			
Casa/apto próprio/alugado ^b	80 (21,2)		1,0 ^b
Casa dos pais ou de familiares	35 (38,5)	1,4	(1,01 - 1,92)
Casa de amigos	6 (60,0)	2,6	(1,94 - 3,43)
Outros (abrigo, rua, pensão)	14 (58,3)	2,4	(1,78 - 3,15)
Número de filhos (n=502)			
Sem filhos ^b	41 (31,8)		1,0 ^b
1 filho	40 (35,4)	1,2	(0,84 - 1,69)
2 a 3 filhos	31 (17,8)	0,8	(0,56 - 1,25)
4 e mais filhos	22 (25,6)	1,4	(0,91 - 2,10)

Fonte: Pesquisa "Perfil dos Usuários de Crack e Padrões de Uso – Pelotas, 2014".

Nota: ^aAjuste por idade e cor estimada mediante Regressão de Poisson Robusta; ^bcategoria referente; ^cNível de escolaridade: Baixo: sem escolaridade ao fundamental completo e incompleto; Médio: Ensino médio e técnico; Alto: Superior completo e incompleto.

A associação entre o consumo de crack e o sexo foi positiva, entre os usuários de drogas, a chance de um indivíduo do sexo masculino consumir crack foi 1,2 vezes superior (IC95%: 0,79 - 1,72) quando comparados ao sexo feminino, entretanto essa associação não foi estatisticamente significativa.

Quanto à distribuição etária e o consumo de crack, verificou-se associação positiva e estatisticamente significativa, observa-se aumento da chance de ocorrência entre as transições por grupamento etário e expressiva redução a partir da faixa etária 40 a 49 anos, quando comparados aqueles com 50 anos e mais.

Com relação à situação conjugal e o consumo de crack, verificou-se associação positiva e estatisticamente significativa quando comparados aos casados/unidos, há um aumento da chance de ocorrência de usuários de drogas consumirem crack entre os solteiros 1,6 vezes (IC95%: 1,14-2,36) e divorciados/separados e outros 2 vezes (IC95%: 1,19-3,53) quando comparados aos casados/unidos.

A associação entre escolaridade e o consumo de crack foi positiva entre aqueles menos escolarizados 1,5 vezes (IC95%:0,49-3,49) quando comparados com aqueles de nível superior, contudo não se mostrou estatisticamente significativa. A associação foi positiva entre rendimento familiar e consumo de crack, sendo que entre aqueles de menor rendimento há um aumento da chance de consumo de crack de 1,2 vezes (IC95%: 0,89-1,74) quando comparados com aqueles de maior rendimento.

A associação entre situação ocupacional e o consumo de crack foi positiva e estatisticamente significativa. Verificou-se aumento das chances de ocorrência de consumo de crack entre aqueles usuários com vínculo informal/eventual 1,4 vezes (IC95%: 1,01-1,92), autônomos 2,6 vezes (IC95%: 1,91-3,43) e sem vínculos 2,4 vezes (IC95%: 1,78-3,15) quando comparados com aqueles de vínculo formal.

A associação entre o consumo de crack e o tipo de moradia foi positiva e estatisticamente significativa. Verificou-se aumento da chance de ocorrência de consumo de crack entre aqueles que moram com os pais e outros familiares 1,4 vezes (IC95%: 1,01 - 1,92); casa de amigos 2,6 vezes (IC95%: 1,94-3,43) e outros 2,4 vezes (IC95%: 1,78-3,15), quando comparados com aqueles que residem em casa/apto próprio ou alugado.

A associação entre o consumo de crack e o número de filhos foi positiva. Entre aqueles com 1 filho ou 4 ou mais filhos, verifica-se aumento da chance de ocorrência de consumo de crack. Já entre aqueles com 2 a 3 filhos, observa-se redução da chance de uso de crack, atuando como fator protetor, quando comparados com indivíduos sem filhos.

Discussão

Apesar do uso de drogas estar presente em diversas sociedades há milênios e de sua temática nas últimas décadas ter alcançado seu ápice, principalmente no que se refere ao uso de crack, um número ainda pequeno de pesquisas foram realizadas com populações específicas de usuários de drogas.

Em um estudo realizado em três municípios do Rio Grande do Sul, entre 2009 e 2010 com uma população usuária de crack evidenciou-se um perfil de usuários na faixa etária com maior percentual entre 21-30 anos (51,6%), majoritariamente masculino com 82,1%, escolaridade de até 8 anos completos (fundamental completo ou incompleto) de 56,8% da amostra, solteiros 64,2%, sem filhos 46,3%⁷.

A nível nacional, uma pesquisa realizada pela Fiocruz em 2014, com usuários de crack/similares apontou os seguintes resultados: população majoritariamente composta por adultos jovens com idade média de 30 anos, predominantemente do sexo masculino 78,7% com predomínio importante de usuários “não-brancos”, que declarou ser solteira, 60,6%, com aproximadamente 78% que concluíram o ensino fundamental e aproximadamente 40% dos usuários se encontravam em situação de rua⁴.

As pesquisas supracitadas apresentam características importantes em dois pontos: primeiro porque conseguem traçar com veracidade o perfil desta população específica, que no caso brasileiro, havia e ainda há um déficit destes. Segundo, a partir da comparação destes se percebe que há uma nítida convergência entre os resultados, indicando que a grande maioria desta população estudada se apresenta em condições de extrema vulnerabilidade social.

A presente pesquisa também aponta que um dos fatores de risco para o consumo de crack ou outras drogas no município, é ser do sexo masculino (1,2 vezes mais chance). De fato, no Brasil, os homens são maioria nas cenas de uso (78,7%) conforme estudo nacional que descreve o perfil do usuário de crack. Isto pode justificar-se devido à possibilidade de existir presença masculina maior em cenas/locais abertos e na interface com o tráfico⁴.

O grupo etário que apresenta maior chance de consumo de crack está representado pelas idades de 24 a 29 anos neste estudo. Estes dados aproximam-se da média nacional de idade dos usuários de crack e similares, 30 anos de idade (adultos jovens), apontado pelo Inquérito Domiciliar em Pesquisa Nacional⁴.

A cor da pele apresentou-se também como fator de risco para consumo de crack ou outras drogas. O estudo aponta que em pessoas com cor de pele não brancas apresentam 1,09 vezes mais chance de serem usuárias de crack quando comparados com pessoas pardas, mestiças ou brancas. Dado este que corrobora com o encontrado no estudo supracitado, visto que dos entrevistados, 80% se auto declararam como não brancos. Dado este muito alto no contexto de vulnerabilidade social estudado e analisado⁴.

No município estudado, observou-se que pessoas divorciadas ou separadas apresentam 2 vezes mais chance de serem usuárias de crack quando comparadas a pessoas casadas, no entanto, nacionalmente, a maioria das pessoas usuárias de crack e similares são pessoas solteiras (55,3%) e isto pode justificar-se por situações de afrouxamento ou falta de vínculos com os laços familiares⁷. Um estudo que analisou a estrutura familiar do jovem usuário de crack apontou que a maioria dos entrevistados também era solteira e não possuíam filhos e justificou esta predominância de estado civil como podendo ser algo inerente à faixa etária pesquisada e também como resultado do próprio hábito de consumir drogas. Aponta ainda, que adultos jovens (até 24 anos de idade), em geral são solteiros, no entanto, a busca por um companheiro (a) pode ser adiada pelo consumo de drogas resultando em isolamento do convívio social⁸.

A escolaridade é também um fator de risco amplamente discutido no que tange o consumo de drogas. No município estudado, pessoas que possuem o ensino fundamental completo ou incompleto apresentaram 1,5 vezes mais chance de usar crack quando comparadas com pessoas que possuem ensino superior completo ou incompleto. Este dado, mais uma vez apresenta-se em sintonia com os apontados pelo Inquérito Nacional, que destaca a maioria dos entrevistados (55%) com escolaridade entre 4a e 8a séries do ensino fundamental, sendo uma minoria com ensino superior completo ou incompleto⁴.

Os resultados de uma pesquisa realizada no município de Pelotas onde foram entrevistadas 16 usuárias de crack, demonstraram que 81,25% das pessoas entrevistadas não haviam completado o ensino fundamental⁹. Estudos realizados com usuários de crack apontou, entre outros, alguns motivos que poderiam justificar a baixa escolaridade entre pessoas que fazem uso de crack e similares, sendo eles: o uso contínuo da substância pode ser o motivo do atraso escolar; a necessidade de trabalhar para o sustento próprio ou da família; e a imaturidade própria da idade precoce para conciliar estudos e consumo de drogas^{10,11}.

A presente pesquisa apontou que os participantes do estudo que tinham trabalho autônomo apresentaram 2,6 vezes mais chance de serem usuários de crack quando comparados aqueles que possuem trabalho formal. Os usuários de crack e similares entrevistados em pesquisa nacional são na maioria trabalhadores autônomos (cerca de 65%)⁸. Contudo, observa-se também que o desemprego é uma característica marcante entre os usuários, sendo o consumo de drogas um dos principais motivos para a perda do emprego, e também há o engajamento em atividades marginais como forma de obtenção de dinheiro, o que acaba levando a perda do trabalho formal ou informal, de forma legal, permanecendo a atividade ilegal como principal atividade^{10,11}.

Considerações Finais

A razão de prevalência mostrou as relações entre as questões demográficas e socioeconômicas com o uso do crack, conferindo assim a associação positiva em ser usuário de crack e os fatores relacionados a ser adulto jovem, não ser casado, não ter trabalho formal e não ter moradia própria.

É imperativa a necessidade de ampliação de políticas sociais voltadas para a diminuição das desigualdades sociais existentes, dado que os fatores demográficos e socioeconômicos encontrados neste estudo, como nos outros apresentados, convergem entre si. Enfatizando que a problemática do uso de crack independe da região estudada, mas se apresenta altamente dependente das condições sociais que a população se apresenta.

A partir destes resultados, pode-se refletir a respeito da situação de fragilidade social em que a maioria das pessoas usuárias de crack se encontra, e que não basta apenas pensar na criminalização do uso, mas, sobretudo, em estratégias que possam incluir as necessidades sociais e de saúde destas pessoas. Que se assuma o planejamento de políticas intersetoriais e interdisciplinares que possam olhar para os resultados apresentados e, a partir deles, se possa efetivamente considerar a singularidade das pessoas usuárias de substâncias psicoativas.

Por isso, ressalta-se a importância de assumir o compromisso do cuidado e da atenção dos usuários de drogas, levando em conta as necessidades específicas de cada território, pensando inclusive na ampliação e na qualidade dos diferentes equipamentos sociais. De maneira geral, todas as pessoas necessitam de boas condições de vida e de acesso à educação, à saúde e à cidadania.

Referências

1. Reis LM, Uchimura TT, Oliveira MLF. Perfil socioeconômico e demográfico em uma comunidade vulnerável ao uso de drogas de abuso. *Acta paul. enferm.* 2013; 26(3):276-82.
2. Brasil. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Relatório brasileiro sobre drogas/ Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; IME USP; organizadores Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, Vladimir de Andrade Stempluk e Lúcia Pereira Barroso. – Brasília: SENAD, 2009.
3. Abdalla RR, Madruga CS, Ribeiro M, Pinsky I, Caetano R, Laranjeira R. Prevalence of Cocaine Use in Brazil: Data from the II Brazilian National Alcohol and Drugs Survey (BNADS). *Addict Behav.* 2014 jan; 39:297-301.
4. Bastos FI, Bertoni N. Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? quantos são nas capitais brasileiras? Rio de Janeiro: ICICT/FIOCRUZ; 2014.
5. Vargens RW, Cruz MS, Santos MA. Comparação entre usuários de crack e de outras drogas em serviço ambulatorial especializado de hospital universitário. *Rev Latino-Am Enfermagem.* 2011; 19:804-812.
6. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [homepage na internet]. Informações sobre os municípios brasileiros [acesso em 21 set 2016]. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/CLS>
7. Horta RL, Horta BL, Rosset AP, Horta CL, Perfil dos usuários de crack que buscam atendimento em Centros de Atenção Psicossocial. *Cad Saúde Pública.* 2011; 27(11):2263-2270.
8. Selegim MR, Inoue KC, Santos JAT, Oliveira MLF. Aspectos da estrutura familiar de jovens usuários de crack: um estudo do genograma. *Rev Cienc Cuid Saude.* 2011; 10(4):795-802.
9. Cruz VD, Oliveira MM, Pinho LB, Coimbra VCC, Kantorski LP, Oliveira JF. Sociodemographic conditions and patterns of crack use among women. *Texto Contexto Enferm.* 2014; 23(4):1068-76.

10. Seleglim MR, Oliveira MLF. Pattern of Illicit Drug Abuse by Crack Users In Treatment In A Therapeutic Community. Rev Neurocienc. 2013; 21(3): 339-348.
11. Capistrano FC, Ferreira ACZ, Maftum MA, Kalinke LP, Mantovani MF. The social impact of the abusive use of drugs for addicts registered in medical records. Cogitare Enferm. 2013 Jul/Set; 18(3): 468-74.

Karine Langmantel Silveira

Endereço para correspondência – Rua: Gomes Carneiro, nº1,
Bairro: Porto, CEP: 96010-610, Pelotas, RS, Brasil.
E-mail: kaa_langmantel@hotmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4499917258151331>

Michele Mandagará de Oliveira – mandagara@hotmail.com
Valéria Cristina Chistello Coimbra – valeriacoimbra@hotmail.com
Diorlene Oliveira da Silva – diorlene@gmail.com
Roberta Zaffalon Ferreira – betazaffa@gmail.com
Poliana Farias Alves – polibrina@hotmail.com
Suélen Cardoso Leita – suellehn@gmail.com

Enviado em 25 de agosto de 2016.

Aceito em 10 de outubro de 2016.